

A CONTRIBUIÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA PARA A FORMAÇÃO E INSERÇÃO DO PEDAGOGO NA ESCOLA¹²

SZYMANSKI, Maria Lúcia Sica – UNICAMP

GT: Formação de Professores / n. 08

INTRODUÇÃO: Este trabalho objetivou verificar como os egressos do Curso de Pedagogia analisado verbalizavam os limites e as perspectivas de atuação no mercado de trabalho, elencando os principais problemas por eles enfrentados quando da inserção profissional. Até 1997, o curso em questão mantinha o formato tradicional nessa área, oferecendo as habilitações de Orientação Educacional e Administração Escolar. A partir da discussão nacional sobre a necessidade de que se formasse o pedagogo generalista, e após amplos debates internos, esse curso foi reestruturado, passando a oferecer em sua grade curricular uma estrutura ampla que permitisse ao profissional que o concluísse, optar por uma carreira envolvendo a docência nas séries iniciais e a gestão pedagógica. Esta reformulação do Curso articulou-se em torno de quatro objetivos: 1. Sólida fundamentação teórico-metodológica; 2. Fortalecimento da formação teórico-prática do professor para o ensino fundamental; 3. Formação pedagógica interdisciplinar superando as ‘especialidades’; 4. Integração dos estágios na totalidade do curso, articulando ensino, pesquisa e extensão.

A nova proposta contribuía na medida em que apresentava uma clara opção política pelo materialismo histórico, permitindo aos alunos uma determinada leitura da realidade, que desvelasse suas contradições, as quais se constituem nas principais brechas de atuação docente, na escola. A sólida formação político-pedagógica que se pretendia oferecer no curso buscava permitir ao aluno a análise crítica das mazelas educacionais e das perspectivas de atuação para superá-las, sem a ilusão dos modismos tão comuns na Educação. Na sua concretização, paralelamente à ênfase nas disciplinas de formação, o novo projeto não apresentava as diferentes Metodologias e Práticas de Ensino específicas em cada área, mas sim, agrupava-as em uma única disciplina com 120 horas-aula, denominada “Teoria e Prática das séries iniciais”,

¹ O presente artigo apresenta as reflexões sobre a pesquisa denominada: “A atuação profissional do pedagogo: relação entre os saberes acadêmicos e os saberes profissionais”, desenvolvida pelo grupo de pesquisa “Aprendizagem e Ação Docente”, cadastrado no CNPq, do qual a autora participa e é líder, e contou com a participação dos seguintes docentes: Elisabeth Rossetto, Flavia Anastácio de Paula, Ivete Janice de Oliveira Brotto, Jane Peruzzo e Suze Scalcon, além da aluna Elaine Gomes Nogueira.

² Colaboraram neste texto as acadêmicas do curso de Pedagogia, Francielle Selzer Brecher e Máisa Amélia Haefliger.

o que propiciava a discussão das concepções, mas não possibilitava oportunidade para a abordagem das diferentes especificidades do ensino de disciplinas como Geografia, Ciências, História. Assim, ouvir os ex-alunos possibilitaria colher subsídios para reflexão sobre se este curso estaria atendendo aos objetivos a que se propunha. Ainda, indagava-se como estava se dando na prática do cotidiano escolar a inserção dos seus alunos nas escolas e quais os principais problemas por eles enfrentados.

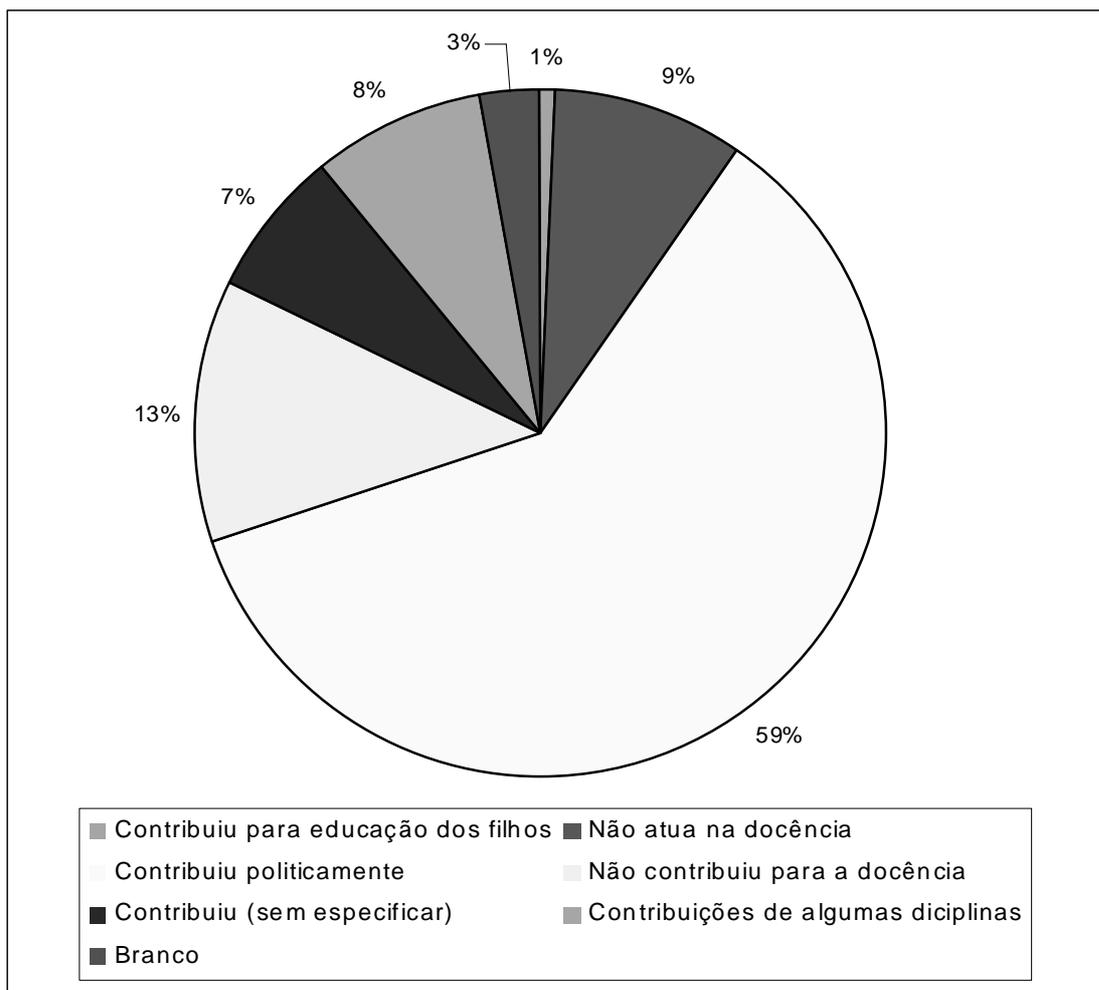
MATERIAL E MÉTODOS: Foram sujeitos dessa pesquisa 112 ex-alunos formados no período de 1998 a 2002. Os dados foram coletados através de entrevistas com roteiro pré – estabelecido de dez questões. Entretanto, optou-se neste recorte, por discutir apenas aquelas que se referissem mais especificamente aos problemas encontrados na inserção profissional do pedagogo, com destaque para a verificação do modo como essa formação contribuiu para essa inserção. Ainda pretendeu-se verificar se os saberes adquiridos durante o curso, efetivamente, contribuíram para a atuação profissional desses alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Ao analisar a formação acadêmica oferecida pelo curso de Pedagogia, procurou-se investigar qual a contribuição do PPP (Projeto Político Pedagógico) em vigor desde 1999 para a inserção profissional do pedagogo. Assim, indagou-se aos sujeitos, de que maneira os conhecimentos adquiridos no curso estavam contribuindo para essa atuação profissional, isto é, questionou-se a relação entre a teoria e a prática. Cinquenta e nove por cento (59%) do total de sujeitos disseram que o curso contribuiu, ressaltando a formação política por ele oferecida. Oito por cento (8%) alegaram que o curso ofereceu embasamento teórico, porém sem especificar de que maneira. Três por cento (3%) dos sujeitos deixaram essa questão em branco. Nove por cento (9%) ressaltaram a contribuição de diferentes disciplinas: Psicologia, Literatura, Alfabetização e OTPGE, para o cotidiano da sala de aula. Dentre aqueles (14%) que afirmaram que o curso não contribuiu para a sua atuação profissional, todos argumentaram que o curso ajudou pouco para seu desempenho em sala de aula. Dez por cento dos ex-alunos alegaram não atuarem na docência, deixando a questão sem outra resposta e um afirmou que o curso contribuiu para a educação de seus filhos. Sessenta e cinco por cento dos sujeitos atuavam na docência, quando os dados foram coletados, e 35% trabalhavam em outras áreas ou outras atividades na área de Educação.

É interessante que ao indagar-se sobre a relação entre os conhecimentos adquiridos e a atuação profissional, as disciplinas lembradas pelos alunos estavam todas voltadas para a docência. Entretanto, a disciplina Teoria e Prática das Séries Iniciais, que também faz parte do currículo e trabalha a questão das práticas pedagógicas nas diferentes disciplinas, não foi lembrada, o que é intrigante, uma vez que essa disciplina estaria diretamente ligada ao anseio que parece emergir na análise das questões respondidas pelos sujeitos. Pode-se buscar uma coerência nessa aparente contradição, considerando-se que a disciplina seria insuficiente para responder a esses anseios, ou na forma como é organizada e trabalhada, ou em carga horária. Ainda pode-se constatar que no período durante o qual a pesquisa desenvolveu-se, essa disciplina sofreu com a rotatividade docente constante, sendo que esses professores na maioria dos casos eram colaboradores ou recém-chegados, e ainda que se esmerassem, a ministravam uma única vez. Pode-se supor que o professor que ministra mais de uma vez a mesma disciplina, teria mais condições de aperfeiçoar seu trabalho. Destaca-se também, a complexidade da disciplina, por ter que responder pelos elementos teóricos e metodológicos das diferentes áreas de conhecimento: Matemática, Português, História, Geografia, Ciências e Artes, em uma carga horária bastante restrita.

Segue o gráfico para uma melhor visualização e compreensão dos dados percentuais acima relatados.

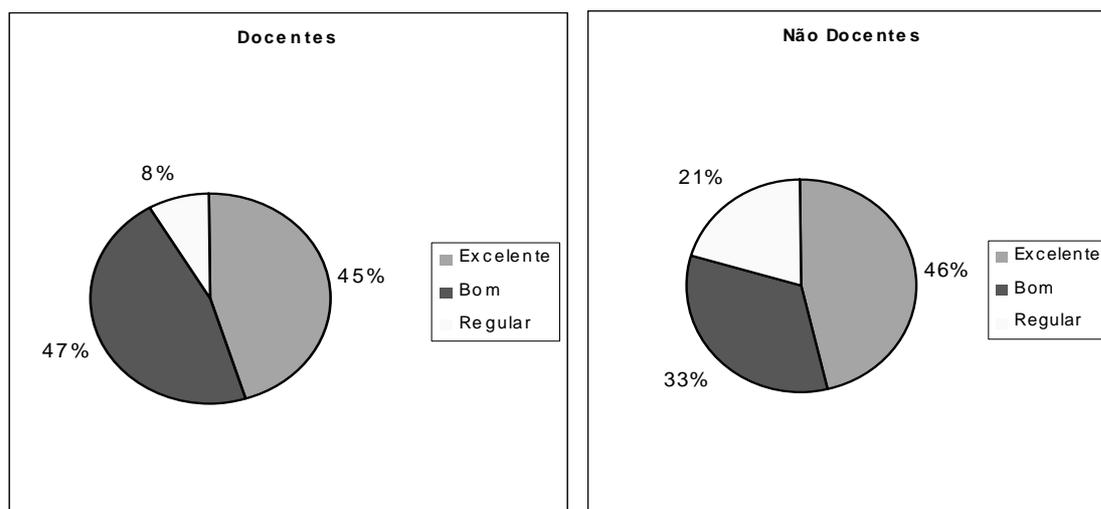
Quadro 1 – Contribuição do Curso de Pedagogia para a atuação profissional



Outro aspecto investigado refere-se à visão que cada sujeito tinha do curso como um todo. As respostas obtidas foram classificadas em quatro categorias centrais: “fraco”, “regular”, “bom” e “ótimo” ou “excelente”. Nenhum aluno considerou o curso fraco. Dos 65% sujeitos que atuam na docência, 39% o consideraram excelente 46% o consideraram bom e 6% o consideraram regular. Por outro lado, 35% dos sujeitos que não atuavam na docência, 18% consideraram excelente, 13% o consideraram bom e 8% consideraram-no regular.

Observa-se, portanto, que cerca de 20% dos alunos que não atuavam como docentes consideraram o curso regular, isto é, atribuíram-lhe os menores índices avaliativos constatados. Essa relação reduz-se para menos da metade (8%), quando se analisa a avaliação dos alunos que atuam como docentes. Pode-se concluir, portanto, que estar atuando como docente contribuiu favoravelmente para a avaliação do curso.

Quadro 2 – Avaliação do Curso de Pedagogia pelos ex-alunos



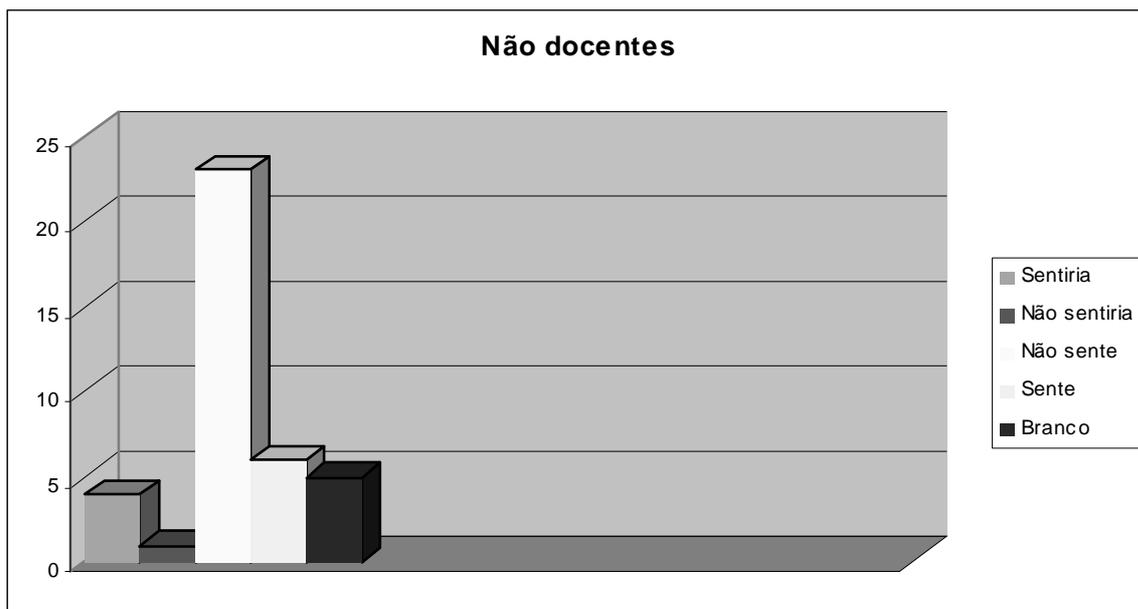
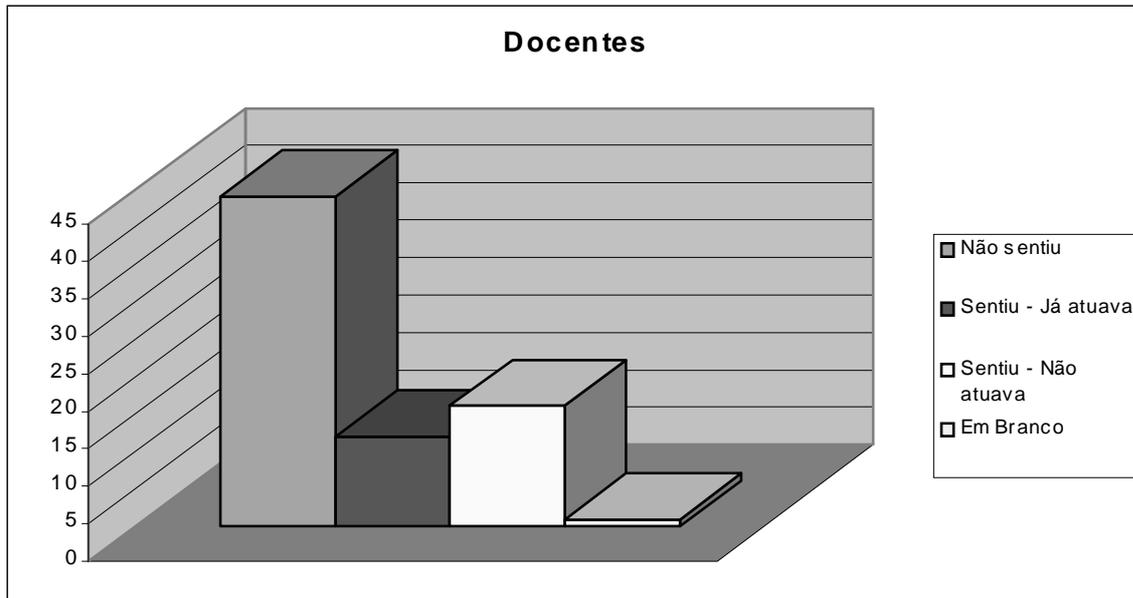
Quanto às dificuldades relacionadas com a formação acadêmica, no início da atuação profissional, dos sujeitos entrevistados 73% eram docentes e 35% não docentes. Dentre os 65% que atuavam como docentes na conclusão do curso, 62% responderam que não tiveram dificuldades quando do início da sua atuação profissional. Desses 65%, 44% já atuavam no início do Curso de Pedagogia, e os demais começaram a atuar como docentes no seu decorrer ou ao seu final. Mesmo atuando como docentes, 38% sentiram dificuldades no desempenho profissional. Parte dessa dificuldade, pode decorrer do fato de que a escola apresenta uma alta expectativa quanto à atuação do pedagogo, como transparece na afirmação de um diretor ao mencionar, por exemplo, que “as pessoas formadas em pedagogia sabem tudo”. Ao mesmo tempo, observa-se uma contradição nesse contexto, na medida em que a queixa mais freqüente reside no fato de que “a escola não abre espaço para idéias inovadoras”.

Outra dificuldade apontada com maior freqüência é a de que o Curso “apresenta teoria sem prática”. Entretanto, outra fala para essa questão é: “teve dificuldade como todo início, mas o curso dá muitos subsídios”. Assim, pode-se estabelecer certa relação entre essas respostas, no sentido de que, embora se mencione que o curso apresente “teoria sem prática” e que isso gere dificuldades de início, essas dificuldades podem ser gradativamente superadas.

Do total dos não docentes, 25% afirmaram que encontrariam dificuldade caso atuassem como docentes, 61% afirmaram que não teriam dificuldades caso atuassem, e cerca de 12% deixaram essa questão em branco. Destaca-se, que entre esses entrevistados que relataram dificuldades na atuação, essas dificuldades apontam para a prática, isto é, para o “fazer pedagógico”. Entretanto, alguns entrevistados reconheceram que “dificuldades sempre existirão, no percurso

da prática profissional”, destacando a importância da reflexão e de novos estudos para superá-las.

Quadro 3 – Dificuldade na atuação docente



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que o nível de satisfação dos alunos em relação ao curso é bastante alto, sendo que a menor avaliação recebida foi “regular”. Entre as dificuldades apontadas pelos alunos para a inserção no Mercado de Trabalho, a mais citada refere-se ao fato de que, embora o curso apresente habilitação para a docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil, deixa a desejar quanto ao preparo para o fazer pedagógico. Assim, na forma como está organizado, o curso como um todo é visto de uma maneira mais positiva pelos alunos que atuam como docentes do que pelos alunos que não atuam. Entretanto, mais da metade do total de alunos que não atua ainda como docente sente-se preparada para assumir uma sala de aula se for necessário.

A educação é a atividade mediadora pela qual a sociedade prepara seus membros para nela viverem, ou seja, a educação produz o homem que a classe hegemônica entende como necessário a cada local e época, de acordo com o processo de transformação gestado no tempo e no espaço. E, quando se trata da Educação que objetiva a formação profissional de um pedagogo, os alunos já estão aprendendo na própria consecução do curso de Pedagogia, pois como TARDIFF (2002, p.119) ressalta “(...) assim como não existe trabalho sem técnica, também não existe processo de ensino-aprendizagem sem pedagogia”. Ainda, há que se refletir que a Educação não se faz apenas na academia, por meio da formalidade de um curso. Ela ultrapassa suas paredes e abarca todas as possibilidades de interação social que constituem o dia a dia de um sujeito, e no caso específico, de um sujeito cujo preparo para ser professor inicia-se antes mesmo de que ele nasça, uma vez que ele já é alguém de quem se fala cuja subjetividade, portanto, já está sendo construída naquele tempo e naquele espaço.

No entanto, a necessidade profissional de cada egresso leva-o a considerar que as disciplinas não são completas, justamente pelo curso não ser absoluto, pois, quatro anos são insuficientes para garantir algo que somente a experiência pedagógica traz ao docente: “habilitar e especializar” os educandos para o fazer político pedagógico que a vida profissional exige. Há na formação profissional um saber experiencial do qual a formação acadêmica não dá conta, e provavelmente é por esse motivo que os egressos já docentes avaliam o curso de maneira mais positiva do que os não docentes.

REFERÊNCIAS

- ALVES. N. **Formação de Professores: pensar e fazer**. SP: Cortez, 1992.
- ARROYO. M. G. **O ofício de mestre**. RJ: Vozes, 2002.

TARDIF. M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.